

A inclusão da sucata eletrônica

Por Cid Torquato

Contrariando as promessas de que a indústria eletrônica é limpa e ecológica, o problema dos dejetos e resíduos sólidos vem se transformando em uma grande preocupação. Há sinais alarmantes de contaminação ambiental por metais altamente tóxicos, como

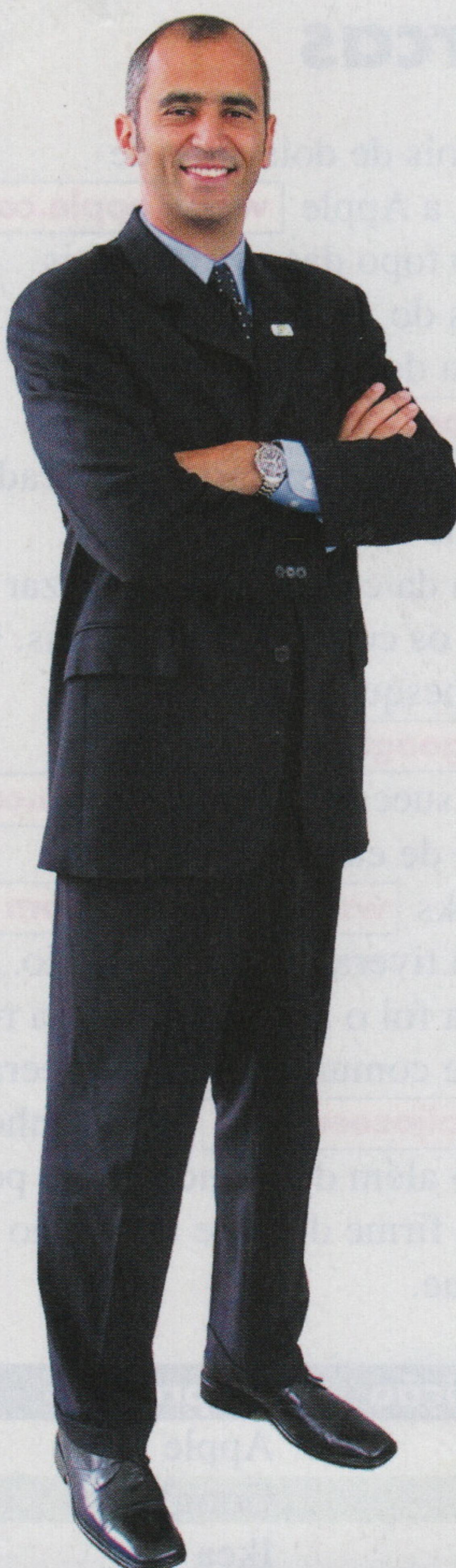


Foto: Eduardo de Souza

Cid Torquato é advogado e diretor-executivo da Câmara Brasileira de Comércio Eletrônico

cid.torquato@camara-e.net

chumbo, cádmio, cobre, níquel e mercúrio. São substâncias encontradas em componentes, pilhas e baterias, usados em computadores, celulares e grande parte dos aparelhos eletrônicos mais modernos.

O problema não é atual. Há dez anos, tramita no Congresso Nacional uma excelente proposta de Política Nacional de Resíduos Sólidos. Mas, como sabemos, a atenção de grande parte de nossos legisladores está voltada para outros temas. Em função disso, ainda nos falta um marco regulatório que estabeleça regras quanto à questão, e, por tabela, estimule empresas a encarar a reciclagem como um bom negócio.

Enquanto a lacuna persiste, por exemplo, menos de um terço das baterias e pilhas usadas no País é devidamente recolhida, manipulada e reciclada. Isso sem contabilizarmos as pilhas e baterias piratas, que fogem de nossa capacidade de recenseamento, apesar de já dominarem mais de 70% desse mercado.

Algumas grandes empresas de produtos eletrônicos já desenvolvem, no Brasil, campanhas de conscientização e programas de tratamento de resíduos sólidos, mas com resultados ainda muito limitados.

Porém, penso eu, a cultura do sucateamento encontra-se na essência da indústria de tecnologia de massa, no qual o foco está sempre no lançamento, na novidade, na vanguarda, no próximo gadget; muito menos do que em atributos óbvios, como funcionalidade, usabilidade, simplicidade e preço.

Esse grande consumismo tecnológico acaba transformando qualquer aparelho usado em mera

sucata, imprestável diante dos ininterruptos lançamentos de mercado. Calcula-se que mais de 60% dos celulares trocados não sejam reaproveitados, enquanto menos de 30% dos computadores e impressoras das grandes empresas, públicas e privadas, são reciclados após substituídos por novos.

Para um País que recicla mais de 90% de suas latas de alumínio, os índices da informática e da telefonia são uma verdadeira vergonha, principalmente se pensarmos em quantas pessoas esses equipamentos poderiam beneficiar.

Para um grande porcentual das dezenas de milhões de cidadãos e empresas brasileiros, que carecem de recursos informáticos, um bom e velho 486 poderia representar uma verdadeira revolução.

Mas não há essa cultura. “Usado é lixo, se quiser que compre um novo”. O óbvio deveria ser: “compramos o seu computador usado (ou o seu celular) na troca por um novo”. Aí, sim, poderíamos criar um fluxo natural e sustentável de inclusão digital, ampliando as opções de compra e estancando esse desperdício irracional.

A humanidade não pode deixar que se jogue fora tanta riqueza (e poder tecnológico), enquanto faltam condições dignas de desenvolvimento para mais da metade da população global.

Nossa desafio é reciclar e reaproveitar toda essa “pseudo-sucata”, além de tentar acabar com o paradigma da complexidade, que transforma o computador e as novas tecnologias da informação em instrumentos, elitistas, de aprofundamento das desigualdades.